

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNI-RIO
CCH – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO: FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS ESPECIALIZAÇÃO
“LATU SENSU
ALUNO: LEANDRO DE ASSIS

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DOCENTE E DISCENTE NA
ESCOLA DE TEATRO

Monografia apresentada como requisito parcial
para a
Obtenção do título de Especialista em Docência
Universitária.

ORIENTADORA: Prof. Dra. Angela Maria Souza Martins

RIO DE JANEIRO
1999

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS DOCENTE E DISCENTE NA
ESCOLA DE TEATRO

Monografia apresentada ao Curso de Pós-
Graduação e Formação de Docentes
Universitários da Universidade do Rio de
Janeiro – UNI-RIO sob a orientação da
Professora Doutora Angela Maria Souza
Martins.

RIO DE JANEIRO
1999

“Pensar, ou escrever, ou apresentar
uma peça também significa
transformar a sociedade, transformar
o Estado, sujeitar ideologias a um
severo escrutínio”

BRECHT, 1931

SUMÁRIO

Agradecimentos	
Apresentação.....	6
Capítulo I.....	9
1 a Ensinar Exige.....	9
1 b Educação Libertadora.....	11
1 c O professor como ator libertador.....	12
1 d Livros: quais e quantos os estudantes devem ler.....	17
1 e É possível a educação dialógica?.....	19
Capítulo II Ensino e aprendizagem na Escola de Teatro.....	23
Capítulo III Formação e transformação da Escola de Teatro.....	31
Bibliografia	

AGRADECIMENTOS

Foi de grande importância escrever esta monografia, pois descobri que sou capaz de concretizar através dos signos da “grafia” meus pensamentos. Sou muito prático e trabalho mais com a prática! Escrever o que penso foi um grande desafio, pois não tenho talento para a “retórica”.

A realização deste trabalho não seria possível sem a presença da minha orientadora, Professora, Doutora Angela Maria Souza Martins. A Professora Angela estava sempre presente me acalmando, apoiando, estimulando e fazendo-me acreditar que era capaz de escrever.

Meus agradecimentos a Professora Angela por ter “iluminado” mais um “Professor-estudante” com paciência, amor e um excelente desempenho profissional.

Seria injusto e deselegante de minha parte, se por ventura deixasse de agradecer a Universidade do Rio de Janeiro – UNI-RIO – Escola de educação – Departamento de Didática e a todo o corpo docente da instituição, por terem recebido com respeito, carinho e de braços abertos este catarinense.

APRESENTAÇÃO

“A Máquina Capitalista” de Pedrinho Guaresci e Roberto Ramos, foi um dos primeiros textos debatidos em sala de aula, no curso de Formação de Docentes Universitários. O primeiro contato com estas informações chocou-me, pois revelaram a minha contribuição nesta estrutura capital. Culpa e revolta foram sentimentos inevitáveis após ter descoberto que sou um dos “passivos-maquinistas” dessa perniciosa “Máquina Capitalista”.

Hoje disponho-me a ter uma participação ativa, procurando ser um “péssimo maquinista”. Então eu me pergunto: O que fazer e o que se pode fazer? Acredito que deveríamos formar alunos críticos-progressistas, iniciando este trabalho desde o ensino pré-primário. Mas o “início” deveria ser nas Academias. Acredito que devemos formar primeiro Docentes Universitários Crítico-Progressistas para formarmos Docentes Críticos-Progressistas, que por sua vez formará Discentes Críticos Progressistas. Dessa forma teremos em nossa constante tarefa o “Dodiscente”.

Para poder lecionar para crianças e adolescentes, os graduandos em licenciatura, necessitam de orientações pedagógicas e didáticas, para poderem estar aptos a lecionar no ensino fundamental e médio. Será que os discentes universitários estão livres de complexos, neuroses ou outras paixões que são inerentes ao homem? Ou somente ingressam nas universidades os discentes acadêmicos que adotaram o estoicismo e a ataraxia, como predicados, para poderem estudar? O que incomoda é o fato de muitos docentes universitários, doutores, mestres, lecionarem nas academias sem terem conhecimento pedagógico ou ao menos terem tido um contato com a pedagogia, didática. Os professores que graduaram-se em licenciatura plena e após os seus cursos de pós-graduação, encontram-se lecionando nas Universidades, ao menos tiveram contato com a

pedagogia em sua graduação. Isso também não quer dizer que estão livres de uma formação de metodologia de ensino superior. E os docentes universitários, doutores e mestres, que graduaram-se nos cursos de bacharelado?

Há docentes catedráticos em suas habilidades, porém não tem talento nem vocação para emitir seus conhecimentos ao receptor. Percebe-se que não há boa metodologia de aplicação desse saber. Não há dinâmica, não há uma forma de estimular a curiosidade dos discentes. Mas como desejar desses docentes a pedagogia adequada se estes doutores e mestres ingressaram na carreira acadêmica sem ao menos debater o assunto sobre: educação, ensino, pedagogia, metodologia de ensino superior, relações pedagógicas docente e discente.

O que eu proponho é uma Formação de Metodologia de Ensino Superior aos docentes que desejam seguir a carreira acadêmica através das teorias de Paulo Freire e em especial para a Escola de Teatro que é a minha área. Acredita-se que a Arte é a grande luz na educação! A Escola de Teatro deve formar atores, cenógrafos, figurinistas, teóricos, diretores e professores de artes-cênicas críticos-progressistas. Os artistas acadêmicos deveriam ser “péssimos-maquinistas” e “excelentes desobedientes civis”! Sou contra a arcaica “Pedagogia de Autonomia” e a favor da “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire.

Bertold Brecht foi um dramaturgo e encenador alemão, que passou grande parte da sua vida apontando, chocando, criticando, denunciando a real realidade de seu tempo com o seu “teatro político dialético”. O teatro de Brecht era um teatro épico, teatro marxista. Brecht era contra o naturalismo e o realismo ilusionista, porque estes tratamentos de espetáculos hipnotizavam o espectador, emocionando-os, levando-os a ilusão e tirando-lhes a oportunidade de pensar. Gostaria de esclarecer que Brecht era contra o tratamento naturalista e realista por uma questão ideológica! Isso não quer dizer que não considerasse

✓

arte um trabalho honesto e bem feito, de acordo com suas regras, o naturalismo, realismo simbólico, etc.

Citando Brecht, faço uma analogia a Paulo Freire. O crítico progressista que Brecht foi para o teatro, Paulo Freire é na educação. A proposta pedagógica de Paulo Freire é contra a “hipnose”, ou seja, o ensino inculcado não permitindo que os alunos “pensem” e sim apenas, ouçam e concordem com a narração do conhecimento. Incita, estimula a curiosidade, aponta a “real realidade”, “choca”, quando os alunos percebem e compreendem o seu “cotidiano” de que o “histórico individual” forma a história do homem, de que são capazes de criticar e transformar.

Proponho as teorias de Paulo Freire porque acredito que no momento são as melhores, principalmente no que diz respeito as relações pedagógicas entre aluno e professor. Faz-se necessários criticarmos. O Brasil teve sua época de repressão, ditadura, um tempo em que a “liberdade de expressão” tinha um alto preço. Os artistas, estudantes, a população, mesmo diante do perigo, gritavam, criticavam, protestavam contra a forma ditatorial de seu governo.

Hoje podemos “falar”, essa atual “democracia” nos dá a chance de falar e, no entanto, nós e nossos filhos permanecemos calados, agindo passivamente diante do caos que estão fazendo com o nosso país. Faz-se necessário acordarmos deste “sonho pernicioso”, nos conscientizando de que somos História e de que fazemos história.

↳

CAPÍTULO I

1a – Ensinar exige...

Ensinar não é inculcar conhecimentos, ensinar é educar. O “ensino” inculca, transfere e a educação acompanha, orienta, critica, transforma.

Acredito que atualmente a educação necessita dar mais atenção as teorias e as práticas educativo-progressistas, para alcançar a relação pedagógica entre docente e discente, sugerida por Paulo Freire.

Ainda permanece na maioria das salas de aulas das universidades, a transferência de conhecimento. Dominados pelo velho sistema escolar, os estudantes continuam submissos. É constante a solicitação de trabalhos, em salas de aula, sugerindo que o estudante apresente a sua opinião sobre o assunto. O resultado é frustrante para o professor devido a uma série de fatores: falta de estímulo e curiosidade dos alunos, bloqueio mental e dificuldade de expor suas opiniões. Quando um discente se atreve a experimentar, a ter uma visão crítica e diferenciada de um determinado assunto, muitas vezes o docente o ameaça com punição através da nota.

Outro grande problema comentado por Paulo Freire e Ira Schor em *Medo e Ousadia*, é a questão do material que o professor apresenta. Este material geralmente desorienta os estudantes por ser escrito em linguagem acadêmica, uma língua que não é utilizada no cotidiano dos estudantes. E o pior problema, ao meu ver, são as relações sociais da sala de aula que provocam alienação e silêncio. O distanciamento frio entre os docentes e discentes, afasta os estudantes do conteúdo e do material de estudo.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire nos esclarece, quanto a transferência de conhecimento, quando conceitua que: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”(1996 – pg. 52).

✓

Pensar de maneira correta, “pensar certo” é: termos a consciência de que ensinar não é transferir conhecimento, é ter consciência do “inacabado”, de que somos seres inacabados em processo de transformação; é ter consciência de que o mundo nunca “é” ele sempre “está. O homem não “é” ele sempre “está”. “Ser” é sinônimo de imutável e “estar” é sinônimo de transformação.

“É preciso insistir: este saber necessário ao professor que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser: ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser Constantemente testemunhado e vivido”¹

✓

¹ FREIRE, PAULO. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996... (coleção leitura) pg 52

1b- Educação Libertadora...

A educação libertadora sucumbirá se tentarmos padronizá-la. Não temos uma receita que passamos adiante. O bom resultado na escola A, não significa que dará certo, se aplicarmos a mesma pedagogia, na escola B. É preciso adaptar as teorias da educação libertadora de acordo com a realidade de cada lugar. É preciso conhecer o contexto da escola para utilizar a linguagem da região onde ela está sendo inserida. “É a ação criativa, situada, experimental, que cria as condições para a transformação, testando os meios de transformação”²

“A educação libertadora é fundamentalmente, uma situação na qual tanto os professores como os alunos devem ser os que aprendem, devem ser os sujeitos cognitivos apesar de serem diferentes. Este é para mim, o primeiro teste da educação libertadora: que tanto os professores como os alunos, sejam agentes críticos do ato de conhecer.”(FREIRE,1987,pg. 46)

Esta citação nos esclarece o conceito de “Dodiciente” de Paulo Freire. Em palavras mais simples, o dodiscente é o docente que ensina aprendendo e aprende ensinando. Concordo quando Freire coloca que a prática “dodiscente” é o primeiro teste da educação libertadora, pois para se ter a tal pedagogia é necessário o professor: respeitar os saberes do educando, consciência de ser um ser condicionado e inacabado, ter respeito a autonomia do ser do educando, saber escutar, ter disponibilidade para o diálogo, estar aberto para a aceitação do novo ter rejeição a qualquer forma de discriminação, ser crítico e ter criticidade e principalmente, querer bem aos estudantes e amar o seu trabalho.

✓

1c – O Professor como ator libertador:

Durante o espetáculo, o ator tem por objetivo conquistar a platéia, convencido de sua arte, da construção da sua personagem, dos significados e das significantes do espetáculo, ele mostra e tenta convencer a platéia. O ator não diz e não conta, ele mostra. Expressa a sua arte e convence a platéia ou o espectador, que o que eles estão presenciando está acontecendo “aqui e agora”, de verdade, está acontecendo teatro.

“... a educação é um momento no qual você tenta convencer-se de alguma coisa, e tenta convencer os outros de alguma coisa... No momento libertador, devemos tentar convencer os educandos e, por outro lado, devemos respeitá-los e não lhes impor idéias”.³

O ator não pode somente transferir o texto ou impor o texto e a verdade da sua interpretação para os espectadores, caso contrário ele torna-se “canastra”, “caricata” e “clichê”. Como professor, o ator seleciona o seu material, organiza o estudo e as relações do discurso. O ator deve respeitar as idéias e não subestimar o “saber” da platéia. O espectador não é estúpido, ele pensa. Amando sua arte, convencido da construção da sua personagem, compreendido o texto, ele “mostra” para a platéia e a convida para gozarem juntos a magia da expressão cênica.

O mesmo processo utilizado para o bom desempenho do ator, aplica-se ao professor, pois ele está em sala com pessoas que pensam, observam seus gestos, e ouvem seu texto. O professor amando sua profissão, convencido do conteúdo da matéria e dos recursos que ele considera o melhor, para aquele momento, mostra seu trabalho e convida os alunos (platéias), para gozarem juntos a magia do saber e da transformação.

✓

² SCHOR, IRA. Medo e Ousadia: O cotidiano do professor/ Paulo Freire, Ira Schor; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pg 38

³ FREIRE, PAULO. Medo e Ousadia: O cotidiano do professor/Paulo Freire, Ira Schor; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pg. 46

“... o contexto de transformação não é só a sala de aula, mas encontra-se fora dela. Se o professor for libertador, os estudantes e os professores empreenderão uma transformação que inclui o contexto fora da sala de aula”.⁴

Bertold Brecht: também acreditava que a transformação não encontrava-se somente nas salas de espetáculo. Brecht e seus seguidores, acreditavam na ideologia marxista, como comunista tinha como objetivo apontar a realidade efetiva de seu tempo, convidando a platéia a pensar e transformar a história, pois a história individual de cada um forma a história da humanidade. Se somos seres históricos podemos fazer história. O teatro de Brecht era um teatro político, crítico e denunciador. O tratamento dado aos seus espetáculos era o não-aristotélico. Por uma questão ideológica, Brecht era contra os tratamentos de espetáculos “naturalista” e “realista”. O naturalismo e o realismo, segundo as teorias do teatro épico de Brecht, hipnotizavam a platéia impedindo-a de pensar. São tratamentos de espetáculos que somente “depositam” informações na cabeça do espectador através de um método hipnótico.

Utilizando o método não-aristotélico, marcos, setas, “gestus”(gestus-gesto cotidiano), distanciamento, (quebra da quarta parte), o choque etc, o teatro brechtiniano procura deixar claro para o espectador que o que ele está presenciando não é uma “imitação da vida”, mas o desdobramento da própria vida.

Através do teatro está sendo mostrado a realidade efetiva. O teatro épico permite que o espectador pense porque se identifica com a história mostrada e o que ele está presenciando é uma parte do seu cotidiano. Então o espectador se “choca” e ele passa a criticar e a se criticar. Durante o espetáculo, constantemente, Brecht utiliza do “distanciamento” e do “choque” para impedir a hipnose emocional no espectador. Deixando claro de que ele está no teatro, presenciando e experimentando teatro.

⁴ FREIRE, PAULO. Medo e Ousadia: O cotidiano do professor/ Paulo Freire, Ira Schor, RJ: Paz e Terra, 1987, pg 46

Faço uma analogia entre Paulo Freire e Bertold Brecht, porque acredito que a teoria da educação libertadora é semelhante a teoria do teatro épico, do processo não-aristotélico utilizado por Brecht.

Em 1970 na *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire critica o professor tradicional, mostrando o uso do “método bancário”. “Existe um banco de conhecimento, e ele é rico, os professores tem o direito de sacar dele, dar aulas com ele, “fazendo depósitos” na cabeça dos estudantes”⁵

Torna-se um grande problema essa pedagogia-hipnótica utilizada pelos tradicionais para a transferência de conhecimento. O professor entra em sala e utiliza todo o seu tempo para falar, falar e falar. Os alunos ficam hipnotizados com a musicalidade da voz do professor, os gestos repetitivos e recebem como “depósitos” o conhecimento do “mestre”, como sendo a única verdade.

Paulo Freire, coloca que a aula expositiva deve ser concebida como codificação verbal da realidade, uma proposição de problemas iluminadora que se autocritica e que desafia o pensamento dos estudantes também. E o importante é que a “fala” seja tomada como um “desafio” a ser desvendado, e “nunca” como um canal de transferência de conhecimento.

Outra função importante da educação libertadora é eliminar o conceito de que a política é sinônimo de “gravata”, colarinho branco, eleição voto e senado”. Estar consciente de que vivemos e respiramos política, que somos seres históricos-políticos é o caminho para enfrentarmos os opressores.

Quando um encenador cria um espetáculo, ele geralmente tem uma proposta conceitual para apresentar a platéia através da expressão cênica. Somente podemos considerar uma proposta conceitual quando você é a favor ou contra alguma coisa. Quando

⁵ FREIRE, PAULO .*Pedagogia do Oprimido*, 17 ed RJ: Paz e Terra, 1987.

não temos uma proposta conceitual, apenas apresentamos uma proposta formal a plateia, realizamos uma transferência de conhecimento, um espetáculo sem crítica política e sem reflexão.

Quando um professor tem consciência que ele é um ser histórico-político e que a educação é política, ele postula a seguinte questão: "Qual é a minha política em sala de aula?". Estou sendo um professor a favor de quem? Ao perguntar-se a favor de quem está educando, o professor também deve perguntar-se contra quem está educando. Depois desse momento, o educador tem que fazer sua opção, aprofundar-se na política, na pedagogia crítica e mostra sua "proposta conceitual". O professor que tem uma "proposta conceitual" sempre trabalha a favor de alguma coisa e contra alguma coisa. Assim como Paulo Freire, sabemos que o ensino não é a alavanca para a mudança ou transformação da sociedade, mas devemos estar certos de que a transformação é feita de muitas tarefas pequenas e grandes, e os professores com as suas "propostas conceituais" estão incumbidos dessas tarefas.

"Devemos ser humildes agentes da tarefa global de transformação".⁶

Para se transformarem em educadores libertadores, os professores temem alguns riscos como por exemplo: a demissão por adotar e praticar a ideologia de oposição; temem pelo que poderia acontecer a sua carreira por não praticarem a pedagogia de transferência de conhecimento. Outro problema é a questão da criatividade no trabalho, isso intimida a muitos deles, pois sentem-se constrangidos em reaprender sua profissão diante dos estudantes. A profissão de educador não transforma alguém em rico e famoso. O salário e o prestígio profissional caíram nos últimos vinte anos, As condições favoráveis são: férias longas, jornada de trabalho mais curta e o incentivo moral de trabalhar pelo

⁶ FREIRE, PAULO. Medo e ousadia: O cotidiano do professor/Paulo Freire, Ira Schor, RJ: Paz e Terra, 1987 pg 66

desenvolvimento humano. A difícil tarefa e a arte de educar, é para aqueles que amam muito seu trabalho e acreditam na transformação.

↳

1d- Livros: quais e quantos os estudantes devem ler?

Em Medo e Ousadia, Paulo Freire e Ira Schor debatem a respeito da leitura dos livros, do porque não apresentar aos estudantes os livros clássicos da sua área de estudos. Por exemplo, independente da aceitação ou rejeição da teoria marxista, porque não apresentar a ideologia desse pensador e fazê-los realmente ler, estudar, compreender e criticar seriamente, mesmo que não esteja na proposta e na bibliografia curricular. Geralmente os estudantes rejeitam o que não compreendem, e quando encontram alguém que os faça compreender, passam a gostar do que repudiavam. No livro Medo e Ousadia, Paulo Freire comenta que um dia fora abordado por um aluno de pós graduação, desesperado por ter recebido uma bibliografia de 300 livros de um professor, para serem lidos em um semestre. Será que aquele professor realmente leu todos aqueles livros que indicou? E se realmente leu será que ele está certo de que tenha entendido todos? Quando faço essa crítica da grande listagem de livros, não quero dizer que os estudantes não devam ler livros. Acho que devemos ler, estudar e criticar seriamente alguns livros. A compreensão de um livro é mais importante do que a leitura superficial de 300 livros.

Uma outra questão problemática é a escrita acadêmica exigida nas Universidades. A maioria dos alunos não sabem escrever academicamente, por outro lado há uma cobrança rígida da universidade e dos professores. Mas não basta a cobrança através da avaliação, devemos inicialmente fazer algumas considerações. Em primeiro lugar – é responsabilidade dos estudantes a busca por leituras consistentes para realizar uma escrita acadêmica, mas por várias razões este procedimento ainda não faz parte do cotidiano dos alunos. Segundo, se você se intitula educador, não pode simplesmente dizer aos estudantes que não tem nada a ver com esse problema e lançar nota zero no diário de classe. Alguns professores chegam ao extremo com seus rigores arrasando os estudantes, fazendo-os até

abandonar o curso. Isso é um crime! Outro problema nas universidades, é a olimpíada de memorização que os estudantes precisam se submeter. A reflexão crítica é muito superficial, porque o professor está preocupado em terminar o programa da disciplina e ministrar o máximo do conteúdo programático. Dessa forma os estudantes são obrigados a participar dessa forma corrida até o final do semestre. Quando o aluno não consegue acompanhar essa olimpíada de conteúdo e falha nas avaliações, o professor se defende “ Eu dei o conteúdo, não tenho culpa se ele não estudou!” O professor precisa privilegiar mais as relações e processos pedagógicos, em lugar de se preocupar tanto com a quantidade de conteúdo ministrado.

L

1e – É possível a educação dialógica?

Paulo Freire preocupa-se com a questão da autoridade na sala de aula. A educação libertadora sugere a democracia, mas nessa democracia há um respeito mútuo entre educador e educando, cada um tem o seu saber e não podemos negar jamais a bagagem cultural do educador. Não estamos afirmando que o educador é o centro do conhecimento. Ele é um ser inacabado tanto quanto os seus alunos. O professor deve cuidar para não cair no autoritarismo. A política deve ser libertadora e a relação pedagógica dialógica. O professor deve ter autoridade mas não ser autoritário. A pedagogia deve ser a “da autonomia” e não a “pedagogia de autonomia”. É preciso que o professor assuma um papel de liderança ativa.

“O professor dialógico é mais velho, mais informado, mais experiente na análise crítica, e mais comprometido com um sonho político de mudança social do que os alunos...

O professor é diferente não só por sua formação, mas também porque lidera um processo de transformação que não ocorreria por si só”.⁷

Na relação dialógica, devemos nos aproximar da linguagem dos alunos, na verdade devemos partir da cultura, ou melhor, do saber do alunos, não para ficar no senso comum, mas para instrumentalizar-lhes com os conceitos do mundo acadêmico, principalmente introduzi-los no interior dos códigos universitários. Mas é necessário assinalar que instrumentalizar os alunos com categorias acadêmicas não é enveredar para uma postura elitista. Paulo Freire nos aponta e nos adverte sobre duas maneiras de cairmos no elitismo:

“uma é impor-lhes linguagem como única linguagem válida. A segunda maneira de ser elitista é fazer uma caricatura de nossa própria fala. Se empobrecemos nossa própria fala ou a limitamos a ser uma cópia da deles, tornamo-nos “simplistas” em vez de nos

✓

tornarmos realmente simples. Estaremos caricaturando a fala popular se limitarmos nosso próprio discurso ao deles”⁷

Esse é outro problema que merece nossa atenção, pois no momento em que o professor se torna simplista na sua relação com os estudantes, ele pode estar partindo do princípio que os estudantes não tem capacidade para compreendê-lo e alcançou conhecimentos mais elaborados. Por isso o professor deve ser simples e não simplista. Paulo Freire nos revela:

“Simplicidade, não significa caricaturar os alunos como se fossem simplórios. Ser simples é tratar o objeto com seriedade, com radicalismo, com profundidade, mas de forma suficientemente fácil para que seja apreendida pelos outros cuja experiência intelectual é diferente da nossa. A linguagem simplista reduz o objeto de estudo, você acaba desvalorizando a audiência. E desvalorizar a audiência a que você se dirige é elitismo.”⁸

A tarefa do professor crítico-progressista é complexa, porque é preciso estar comprometido, criticar e se autocriticar, visar constantemente a transformação e enfrentar os duros obstáculos da pedagogia tradicional, ainda adotada por muitos professores em sala de aula. Ser um educador libertador, significa ser um professor que é ao mesmo tempo político, cientista, artista, que ama sua profissão.


Diante de tanta tentação e para que não percamos na nossa tarefa de “educador crítico-progressista” deixo registrado, em forma de mandamentos, os conceitos que Paulo Freire sugere para um bom profissional abraçar a Educação Libertadora:

✓

⁷ FREIRE, PAULO. Medo e Ousadia: o cotidiano do professor/Paulo Freire, Ira Schor, RJ: Paz e Terra, 1987, pg 183

⁸ FREIRE, PAULO. Medo e ousadia: o cotidiano do professor/Paulo Freire, Ira Schor, RJ: Paz e Terra, 1987, pg 183.

ENSINAR EXIGE:

- 1- rigorosidade metódica
 - 2- pesquisa
 - 3- respeito aos saberes do educando
 - 4- criticidade
 - 5- estética e ética
 - 6- corporificação das palavras pelo exemplo
 - 7- risco, aceitação do novo
 - 8- rejeição a qualquer forma de discriminação
 - 9- reflexão crítica sobre a prática
 - 10- reconhecimento e a assunção da identidade cultural
 - 11- consciência do inacabamento
 - 12- reconhecimento de ser condicionado
 - 13- respeito à autonomia do ser do educando
 - 14- bom senso
 - 15- humildade e tolerância
 - 16- luta em defesa dos direitos dos educadores
 - 17- apreensão da realidade
 - 18- alegria e esperança
 - 19- convicção de que a mudança é possível
 - 20- curiosidade
 - 21- segurança, competência profissional
 - 22- generosidade
 - 23- comprometimento
 - 24- compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo
- 

- 25- liberdade e autoridade
- 26- tomada consciente de decisões
- 27- saber escutar
- 28- reconhecer que a educação é ideológica
- 29- disponibilidade para o diálogo
- 30- querer bem os estudantes.

(FREIRE, PAULO. 1996).

↳

CAPÍTULO II

ENSINO E APRENDIZAGEM NA ESCOLA DE TEATRO

A maioria das pessoas imaginam que a escola de teatro é um locus onde os estudantes tem liberdade de pensamento, os docentes são liberais e cultuam a liberdade de expressão. A escola de teatro, deveria ser um lugar de artistas, onde não é possível a discriminação, preconceitos, local de experimentação, crítica e pesquisa. Os estudantes e os professores são artistas e ambos deveriam caminhar juntos, numa relação harmoniosa, para a transformação do homem e sua sociedade através da arte.

Posso dizer por experiência própria, que a Escola de Teatro deveria ser esse centro de pensadores críticos-progressistas, mas a realidade é outra e as coisas funcionam de outra maneira. Há uma competição entre alunos e professores. As relações pedagógicas nem sempre são harmoniosas entre docentes e discentes. Infelizmente o pré-conceito e a discriminação ainda persistem entre alunos-artistas e professores-artistas.

Por estar triste e insatisfeito com essa “pedagogia-doente” adotada pela maioria dos docentes da Escola de Teatro, resolvi fazer uma pesquisa de campo para saber qual era o pensamento daqueles que já estão graduados; dos estudantes que estão na metade da sua graduação e dos calouros.

As entrevistas foram realizadas com estudantes de habilitações variadas, bem como: direção teatral, bacharelado em interpretação teatral, licenciatura plena em artes-cênicas, bacharelado em teoria do teatro, bacharelado em cenografia.

As perguntas foram cuidadosamente selecionadas com o objetivo de não influenciar o estudante entrevistado.

✓

Apresentarei algumas entrevistas, com o objetivo de mostrar como se apresenta a relação político-pedagógica entre docentes e discentes, na Escola de teatro e o quanto é problemática.

“Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica...”

Entrevista 1 – Distanciamento/humildade/ideologia

“Nunca tive grandes problemas com professores na escola. Há uma relação burocrática. Procuo manter respeito para ser respeitado. Em poucos casos tenho certa intimidade com os professores. Em outros casos mantém-se um extremo distanciamento. Procuo cumprir meu papel de aluno. Acho que falta uma ideologia pedagógica para a Escola de Teatro. Cada professor tem sua própria ideologia. Desejaria que na Universidade, houvesse uma relação mais humilde dos docentes para com os discentes sem o distanciamento, e adotassem uma pedagogia que estimulasse a curiosidade dos alunos.”

“Ensinar exige criticidade...”

Entrevista 2 – Distanciamento/medo/crítica/humildade

“Acho distante a relação dos docentes para com os discentes. Os alunos são inconformados. Desejaria que houvesse uma relação onde haja diálogo e questionamento, uma relação humilde. Os alunos tem medo de criticar. Deveríamos ter uma relação de cumplicidade e comprometimento de ambas as partes, visando estímulo e preocupação com a qualidade de ensino.”

✓

“Ensinar exige bom senso, humildade, tolerância, alegria e esperança...”

Entrevista 3 – Medo/crítica/humildade/amizade

“Acho que na universidade deveríamos ter uma relação pedagógica mais sentimental. Por trabalhar com paixões, no teatro, faz-se necessário, uma relação mais próxima, mais íntima entre o professor e o aluno. Deveríamos ter uma relação onde haja humildade, respeito e sobre tudo amizade. Uma relação pedagógica onde o aluno possa sentir-se a vontade, sem medo de expor a sua dificuldade, quando sentir necessidade.”

“Ensinar exige consciência do inacabamento...”

Entrevista 4 – Distanciamento/respeito/companheirismo

Existe uma distância muito grande entre o corpo docente, da Escola de Teatro e os alunos. Há uma falha muito grande, na área das relações, melhor dizendo, de uma boa relação entre o professor e o aluno.

Eu desejaria uma relação de troca dentro da Escola de teatro. Dentro da Escola de teatro existem “os professores”, “os mestres” que se consideram os donos do saber, ignorando o fato de que o aluno tem saberes, que pode contribuir para o aprendizado de ambos. Gostaria que houvesse entre alunos e professores um relacionamento de companheirismo, mais orientação e acompanhamento. Consciência de estar formando um profissional. Uma relação onde haja respeito.”

✓

“Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática...”

Entrevista 5 – Teoria x Práxis / distanciamento/estímulo a crítica

“Há uma diferença entre professores de teoria teatral e os professores de prática teatral. Os professores de Interpretação (prática teatral), são bem mais abertos. Os professores de teoria teatral ficam somente no âmbito da “sala de aula”. Os professores de interpretação rompem este âmbito puramente da “sala de aula”. Acho a relação dos professores de teoria extremamente distantes. Foram raros os professores de teoria, que me instigaram a buscá-los nos corredores, na biblioteca, sala dos professores para questionar o conhecimento teatral. Com professores de Interpretação, a procura por eles e a recepção era bem melhor e maior.

Acho que a relação pedagógica deve ser e gostaria de ter tido, uma metodologia pedagógica mais crítico-participativa. As aulas teóricas, basicamente são de explanação e as aulas de Interpretação, muitas vezes, os professores empregam um “juízo de valor” ao resultado artístico. Acho isso muito delicado.”

“Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando...”

Entrevista 6 – Ameaça/competição/respeito

“Acho que falta profissionalismo e ética dos docentes da Escola de Teatro, por levarem casos de sala de aula para o “pessoal”. Parece que o aluno é uma ameaça e então fica uma competição entre o professor e o aluno. Há muita falta de respeito com a criatividade do aluno.

Acho que a relação pedagógica docente/discente, deve ser de harmonia, respeito, humildade e rigorosidade de ambas as partes.”

✓

“Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos...”

Entrevista 7 – Competição/respeito

“Agora eu estou no curso de Licenciatura Plena – Artes-Cênicas. Agora eu posso dizer que tenho um excelente relacionamento com os professores. Os professores te estimulam e te respeitam. Quando eu era aluna do curso de cenografia, minha relação com os professores era problemática, porque eles levavam tudo para o “pessoal”. A cenografia é um curso com poucos alunos e se o professor vai com a sua cara, ele te trata bem, ele te aprova e deixa você criar e desenvolver suas idéias. Mas se for o oposto, o professor te segura, bloqueia, te proíbe, te coíbe, te reprime até a reprovação. O professor faz com que você pense que você é ‘um aluno-cenógrafo ruim, de péssima qualidade artística e te aconselha a abandonar o curso. Ele baixa a tua estima!

A relação passa a ser boa a partir do momento em que você não represente uma ameaça para eles. Digo uma ameaça no campo profissional! O mercado da cenografia é restrito, e todos os professores do departamento de cenografia são cenógrafos e figurinistas que atuam no mercado. Se aparece um aluno com um potencial artístico brilhante, você é uma ameaça.

Quando esse aluno brilhante sair da universidade, ele vai entrar no mercado e competir com aqueles profissionais que foram seus professores na academia. Teve um momento no curso de cenografia, que quando eu ganhava uma nota 5, por exemplo, eu ficava feliz, porque eu percebia que quando recebia nota 10, eu estava bitolada e equivocada nesse conhecimento, bem como o professor queria.

✓

Então quando levava nota 5 e o professor me ameaçava com a reprovação, eu dizia para mim mesma: “Eu ainda não fui vencida, ainda continuo resistindo! Eu ainda sou uma artista!”

Quando ganhava nota 10, eu entrava em questionamento e me preocupava comigo.

Gostaria que na Escola de teatro houvesse uma relação mais profissional, ética da parte dos professores, uma relação com mais humildade e respeito.”

“Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação...”

Entrevista 8 – Discriminação/preconceito/respeito

“Tive algumas relações prazerosas, estas foram bem raras na Universidade. Pelo fato de eu ser uma pessoa política e de ter uma postura e um posicionamento político, confesso que fui muito perseguida pelos professores. Sou muito dedicada a contestação e ela também se reflete em sala de aula. Por diversas vezes houve perseguições políticas notórias. Fui muito discriminada! E digo que fui discriminada na academia, não só por questões políticas mas também nas aulas práticas, como por exemplo expressão corporal e dança. Não tenho problemas psicológicos com minha formação corporal. Eu sou gorda e era discriminada por isso, de uma maneira preconceituosa, não sendo respeitado o meu “limite corporal” pelos professores. Me sentia mal e chateada pelo tratamento recebido.

Sofria discriminação e preconceitos absurdos, bem como o professor avaliar que eu não tinha condições corporais e teatrais, por ter essa estrutura corporal. Nunca pararam para reverberar e avaliar, o do porque não tenho condições corporais ou será mesmo que eu não tenho condições?

✓

Assim como eu que não era observada e orientada, muitos também ficavam para escanteio. A Escola de Teatro, funciona através de uma relação muito individual. A estruturação pedagógica da Universidade, não permite que você tenha uma relação prazerosa no coletivo. Se o professor vai com a tua cara, todo bem! Agora se ele não vai com a tua cara, você está ferrado, e aí você vai ter que correr atrás sozinho, para poder se beneficiar do conhecimento. Não há, e eu acho que deveria ter, uma orientação pedagógica para os alunos. O aluno não é cuidado, ele é lançado e não sabe nada.

O aluno não sabe onde vai ser a sala de estudos, não sabe onde ou quando vai ser aberta a secretaria, não sabe porque não tem aula, qual a razão da reunião dos professores, não sabe se o professor vem ou não dar aula no horário da disciplina, não sabe se o professor chegará no horário da aula. Há uma diretoria que vive em uma sala, atrás de um balcão, que nunca tem um horário disponível para ouvir ou receber o estudante.

Acho que deveríamos ter uma orientação pedagógica com professores disponíveis para conversar e orientar os estudantes, nos ajudando nas dificuldades. Uma relação que estimule a pesquisa e ao desejo de conhecimento. Devemos ter uma relação pedagógica onde os docentes não levam os casos, as críticas de estudantes para o “pessoal”. Uma relação de respeito! Uma relação onde se compreenda a realidade do estudante, conhecer o estudante. Uma relação que permita o estudante a se manifestar, sem medo de ser punido por uma nota “o”, onde o professor assuma que: “Isso é uma visão minha”, possibilitando debates, possibilitando que o aluno descubra que ele é capaz de assumir e possuir uma opinião. Uma relação de humildade.”

“Ensinar exige estética e ética”

Entrevista 9 – Clima/ética/respeito

✓

“Ensinar exige estética e ética”**Entrevista 9 – Clima/ética/respeito**

“Eu tive relações agradáveis e relações muito desagradáveis na Escola de teatro! Tive problemas com professores de teoria teatral! Tinha problemas ruins no primeiro semestre, porque a “recepção” dos professores para com os “calouros” é péssima. Agora eu estou no Departamento de direção teatral, e a minha relação com os professores é muito boa. No curso de direção estou tendo uma excelente orientação através de uma relação harmoniosa. Com os professores de teoria teatral a coisa já é complicada! Eu já desisti de muitas matérias, já abandonei muitas matérias por causa da didática e da pedagogia adotada pelos professores. O clima era muito negativo!

Acho que a relação pedagógica docente e discente na academia, deveria ser ética, deveria se ter respeito e humildade de ambas as partes.”

“Ensinar exige saber ocultar...”

“Ensinar exige disponibilidade para o diálogo...”

“Ensinar exige querer bem os educandos...”

✓

“Ensinar exige estética e ética”

Entrevista 9 – Clima/ética/respeito

“Eu tive relações agradáveis e relações muito desagradáveis na Escola de teatro! Tive problemas com professores de teoria teatral! Tinha problemas ruins no primeiro semestre, porque a “recepção” dos professores para com os “calouros” é péssima. Agora eu estou no Departamento de direção teatral, e a minha relação com os professores é muito boa. No curso de direção estou tendo uma excelente orientação através de uma relação harmoniosa. Com os professores de teoria teatral a coisa já é complicada! Eu já desisti de muitas matérias, já abandonei muitas matérias por causa da didática e da pedagogia adotada pelos professores. O clima era muito negativo!

Acho que a relação pedagógica docente e discente na academia, deveria ser ética, deveria se ter respeito e humildade de ambas as partes.”

“Ensinar exige saber ocultar...”

“Ensinar exige disponibilidade para o diálogo...”

“Ensinar exige querer bem os educandos...”

✓

CAPÍTULO III

FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA DE TEATRO

Na Escola de Teatro da Universidade, nem sempre os estudantes tem o direito de expressar-se. Não se tem tanta “liberdade de expressão!” As relações pedagógicas entre docentes e discentes chegam a casos bárbaros e extremados. Os estudantes nem sempre tem o direito de experimentar suas idéias. A competição entre professores e alunos é vergonhosa. O clima nas salas de aula torna-se pesado, negativo. Infelizmente alguns professores discriminam alunos de forma preconceituosa. Outros professores chegam ao extremo da competição, convidando o aluno a desistir do curso.

Outro problema grave, é o distanciamento e o olhar frio e prepotente de alguns professores da teoria teatral. O diálogo não é possível em grande parte do corpo docente da Escola de Teatro, porque os professores levam para o “pessoal” assuntos de sala de aula. Muitas vezes aplicam um “juízo de valor” nas avaliações e resultados artísticos. Os alunos temem o diálogo, por não desejarem sofrer perseguições, se por ventura o professor não gostar da crítica. Tudo deve ser feito e realizado a gosto do professor, caso contrário o aluno é advertido. Se por ventura o aluno insistir na idéia de sua criação, o professor deixa que ele realize, mas o final não será glorioso, mesmo que a criação seja fantástica. Porque não está de acordo com o caráter estético do professor orientador. O aluno recebe nota baixa e o professor faz com que ele pense que é um fracasso.

✓

Muitos alunos-diretores, deixaram de realizar e experimentar suas criações por interrupção do departamento de Direção. O departamento não gostando da idéia do aluno, ele não poderá realizar a pesquisa de sua encenação.

Lembro-me do projeto de uma aluna-diretora, que tinha por proposta, encenar o espetáculo “Salomé”, somente com “atores”, tendo como estrutura corporal a “dança flamenca”. Era um projeto muito bom e todos os alunos-atores da Escola de Teatro, estavam ansiosos aguardando os testes para a seleção de elenco, porque acreditavam na brilhante proposta de encenação. Infelizmente não permitiram os alunos experimentarem esta idéia, porque o Departamento de Direção não gostou da “criação” e da “proposta de encenação”.

É neste momento que percebemos a competição dos professores. Será uma ameaça aquele aluno brilhar com sua pesquisa? O aluno saindo da Universidade graduado, estará no campo profissional, concorrendo com seus professores e se ele for brilhante será uma ameaça.

Estar numa Escola de Teatro, considero um privilégio, porque é um local onde encontram-se artistas-estudantes, de habilidades variadas, para juntos gozarem do pensamento, do experimento, conhecimento e da transformação.

O “individualismo” na Escola de Teatro não pode acontecer. As relações pedagógicas entre docentes e discentes deve ser de grande harmonia, uma relação amorosa. É necessário que alunos e professores se sintam a vontade com a presença de ambos. O respeito a ausência de discriminação e preconceitos são fatores de extrema importância para se ter uma relação harmoniosa.

Creio que o melhor, no momento, para a transformação da Escola de Teatro é assumir a “Educação Libertadora”. A orientação libertadora permite que “professores-artistas” e “alunos-artistas” experimente as suas criações aprendendo uns com os outros. É preciso

experimentarmos todos os erros possíveis para gozarmos do conhecimento. Não devemos nos preocupar com os “acertos”. Através de uma relação harmoniosa e prazerosa, a experimentação coletiva dos “erros” nos levam ao caminho do “acerto”, concretizando o gozo do conhecimento e tornando possível a transformação.



BIBLIOGRAFIA

- ALVES, RUBEM. Conversas com quem gosta de ensinar, São Paulo: Cortez: autores selecionados, 1982.
- O Suspiro dos Oprimidos, São Paulo: Edições Paulinas, 2.º edição, 1987.
- EDWEN, FREDERIC. Bertold Brecht: sua vida, sua arte, seu tempo, tradução Lya Luft, São Paulo: Globo, 1991.
- FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17.º edição, 1987.
- Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa, São Paulo, Paz e Terra 1996
 - Educação e Mudança; RS, Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P e SHOR, Ira. Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor; tradução Adriana Lopez, RJ : Paz e Terra, 1987.



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

Título da monografia: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES PEDAGÓGI-
CAS DOCENTE/DISCENTE NA ESCOLA DE TEATRO

Autor: LEANDRO DE ASSIS

Professor Orientador: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Professor Leitor: DENISE SARDINHA MENDES SOARES DE ARAÚJO

Parecer do Orientador:

Oto a apresentação formal, mas apresentando algumas dificuldades. Mas preciso ressaltar o seu empenho e dedicação na construção dessa monografia. Caminhou passo a passo na construção teórica, buscando a senda para sua análise das relações pedagógicas no curso de teatro. Pelo seu esforço concedo-lhe o conceito B (8,5)

Parecer do Professor Leitor:

Oto a apresentação, o autor da monografia poderia ter seguido um pouco mais, as normas de catalogação e encadernação. Em alguns momentos, são citadas obras, livros, sem no entanto haver referências no texto e ser citados na bibliografia. Em relação ao tema, é pertinente e relevante a abordagem, apesar de não ser no padrão científico, mostra que o autor escreveu sozinho, com clareza, boa ortografia e poder de síntese. A monografia merece o grau 8,0 (duas boas), principalmente pela clareza do desenvolvimento dos parâmetros de Paulo Freire.

Conceito Final: B

Data: 16/05/2000

Assinaturas:

Angela Maria Souza Martins
Denise S. de S. Araújo